

*Maravilha é um punhado de neve nas bocas  
de homens que sofrem com o calor do Verão  
Maravilha são os ventos da Primavera  
para os marinheiros que anseiam ir ao mar  
E maior maravilha ainda é o lençol único  
que cobre dois amantes numa cama.*

Gosto de citar versos antigos quando a ocasião é propícia. Lembro-me de quase tudo o que oiço, e oiço o dia inteiro, mas, por vezes, não sei de que forma encaixar tudo. Quando tal acontece, agarro-me a palavras ou frases que parecem soar verdade.

No bairro de Plaka, que há cerca de um século era um pântano e agora é onde se realiza o mercado, chamam-me Tsobanakos. Quer dizer um homem que guarda ovelhas. Um homem das montanhas. Deram-me este nome por causa de uma canção.

Todas as manhãs, antes de ir para o mercado, engraxo os meus sapatos pretos e escovo o pó do meu chapéu que é um Stetson. Há muita poeira e poluição na cidade e o sol só piora as coisas. Também uso uma gravata. A minha preferida é uma gravata garrida, azul e branca. Um cego nunca deve menosprezar a sua aparência. Se o fizer, há sempre alguém que tira falsas conclusões. Visto-me como um ourives e aquilo que vendo no mercado são *tamata*.

Tamata são objectos apropriados para um cego vender porque se podem distinguir uns dos outros pelo tacto. Alguns são feitos

de lata, outros de prata e alguns de ouro. Todos eles são finos como linho e cada um tem o tamanho de um cartão de crédito. A palavra *tama* vem do verbo *tázo*, fazer uma jura. Em troca de uma promessa feita, as pessoas esperam uma benesse ou uma libertação. Antes de irem para o serviço militar, os rapazes compram tamas em forma de espadas, o que é uma forma de pedir: Oxalá me safe incólume.

Ou então acontece alguma coisa má a alguém. Pode ser uma doença ou um acidente. Aqueles que amam a pessoa que está em perigo juram perante Deus que farão uma boa acção se o ente querido recuperar. Quando se está sozinho no mundo, pode até fazer-se o mesmo em relação a si próprio.

Antes de os meus clientes irem rezar, compram-me uma tama e passam uma fita no buraco, depois, na igreja, amarram-na ao varão junto dos ícones. Desta forma esperam que Deus não se esqueça das suas orações.

No metal macio de cada tama está impresso um símbolo que representa a parte do corpo em perigo. Um braço ou uma perna, mãos, ou, como no meu caso, um par de olhos. Uma vez tive uma tama onde estava gravado um cão, mas o padre protestou e garantiu que aquilo era um sacrilégio. Não percebe nada, aquele padre. Passou toda a vida em Atenas, por isso não sabe que, nas montanhas, um cão pode ser mais importante, mais útil do que uma mão. Não consigo imaginar que a perda de uma mula pode ser pior do que a de uma perna que não sara. Citei-lhe o Evangelista: Vejam os corvos: eles não semeiam nem colhem, não têm armazéns nem celeiros. Todavia o Senhor alimenta-os... Quando lhe disse isto, ele puxou pela barba e virou costas como se eu fosse o Diabo.

Os tocadores de bouzouki têm mais a dizer do que os padres sobre aquilo de que homens e mulheres necessitam.

O que eu fazia antes de ficar cego é coisa que não vos vou dizer. E se três vezes vos pedisse que apostassem, das três vezes perderiam.

A história começa na última Páscoa. No domingo. Era a meio da manhã e havia no ar um cheiro a café. O cheiro a café chega mais

longe quando está sol aberto. Um homem perguntou-me se eu tinha alguma coisa para uma filha. Falava um inglês arrevesado.

Bebé? inquiri.

Já é mulher.

De que sofre? perguntei.

De tudo, respondeu ele.

Talvez um coração fosse adequado? acabei por sugerir, apalpan-  
do com os dedos até encontrar a tama no cesto e entregando-lha.

É de lata? O sotaque dele fez-me pensar que era francês ou italiano. Achei que teria a minha idade, talvez um pouco mais velho.

Tenho uma de ouro, se quiser, disse eu em francês.

Ela não vai recuperar, respondeu ele.

O que é importante é a promessa, às vezes não há mais nada a fazer.

Sou um ferroviário, disse ele, não faço vodus. Dê-me a mais barata, a de lata.

Ouvi a roupa dele ranger quando tirou a carteira do bolso. Vestia calças de couro e casaco de couro.

Para Deus não há diferença entre lata e ouro, pois não?

Veio de mota?

Com a minha filha, durante quatro dias. Ontem fomos ver o templo de Poseidon.

Em Sunion?

Viu o templo? Esteve lá? Desculpe-me.

Toquei com um dedo nos meus óculos escuros e disse: Vi o templo antes disto.

Quanto custa o coração de lata?

Ao contrário de um grego, ele pagou sem discutir o preço.

Como se chama ela?

Ninon.

Ninon?

NINON. Soletrou cada letra.

Vou pensar nela, disse eu, guardando o dinheiro. E ao dizer isto, de repente, ouvi uma voz. A filha devia ter estado alhures no mercado. Agora estava junto dele.

As minhas sandálias novas — olha! Feitas à mão. Ninguém imaginaria que acabo de as comprar. Podia estar a usá-las há anos. Talvez as tivesse comprado para o meu casamento, aquele que nunca aconteceu.

A tira entre os dedos não magoa? perguntou o ferroviário.

O Gino havia de gostar delas, disse ela. Tem bom gosto no que toca a sandálias.

A maneira como apertam no tornozelo é muito bonita.

Protegem bem se andarmos em cima de vidro partido, disse ela.

Ora chega aqui um instante. Sim, o couro é bonito e macio.

Lembras-te, Papa, de quando eu era pequena e tu me enxugavas depois do chuveiro e eu me sentava na toalha ao teu colo, e tu costumavas contar-me que cada dedinho era uma pega que roubava isto e aquilo e depois fugia a voar...

Ela falava num ritmo sincopado e limpo. Nenhuma sílaba se arrastava nem era desnecessariamente prolongada.

Vozes, sons, cheiros trazem agora prendas para os meus olhos. Eu escuto ou inalo e depois observo como num sonho. Ao ouvir a voz dela, vi fatias de melão cuidadosamente dispostas numa travessa e soube que reconheceria imediatamente a voz de Ninon se por acaso a voltasse a ouvir.

Passaram-se várias semanas. Alguém falava francês no meio da multidão, eu a vender outra tama com um coração gravado, o guincho de uma motocicleta a arrancar dos semáforos — de vez em quando estas coisas lembravam-me o homem dos comboios e a filha, Ninon. Ambos passavam, nunca permaneciam. Até que numa noite, nos princípios de Junho, algo mudou.

Ao fim da tarde, saio de Plaka para ir para casa. Um dos efeitos da cegueira é que se cria um sentido irreal do tempo. Os relógios são inúteis — embora de vez em quando venda alguns —, mas sei, ao minuto, que horas são. A caminho de casa, passo regularmente por umas dez pessoas a quem digo meia dúzia de palavras. Para eles eu sou um lembrete da hora. De há um ano para cá uma dessas dez é Kostas — mas ele e eu somos outra história, ainda não contada.

Nas prateleiras do meu quarto guardo as tamata, os meus muitos pares de sapatos, um tabuleiro com copos e um jarro, os meus fragmentos de mármore, uns pedaços de coral, umas conchas, a minha *baglama* na prateleira de cima — é raro tirá-la de lá —, um frasco de pistácios, várias fotografias emolduradas — sim — e as minhas plantas em vasos: hibiscos, begónias, asfódelos, rosas. To-co-lhes todas as noites para ver como estão e quantas flores novas nasceram.

Depois de beber qualquer coisa e de me lavar, gosto de apanhar o comboio para o Pireu. Passeio ao longo dos cais, perguntando